

CADERNO TEOLÓGICO


Religião, democracia e direitos humanos

periodicos.pucpr.br/cadernoteologico



Hermenêuticas do feminino em diálogo: interpretando a kénosis a partir de Gianni Vattimo e de teólogas feministas

Hermeneutics of the Feminine in Dialogue: Interpreting Kénosis through Gianni Vattimo and Feminist Theologians

Lucas Pereira da Silva Freitas 

Campinas, SP, Brasil

Pontifícia Universidade Católica de Campinas (SP), Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião

Como citar: FREITAS, Lucas Pereira da Silva. Hermenêuticas do feminino em diálogo: interpretando a kénosis a partir de Gianni Vattimo e de teólogas feministas. *Caderno Teológico, Religião Democracia e Direitos Humanos*, Curitiba: Editora PUCPRESS, v.10, n.1, p. 31-54, jan./jun, 2025. DOI: <https://doi.org/10.7213/2318-8065.10.01.p31-54>

Resumo

Este artigo parte do problema de que o conceito de kénosis, tradicionalmente associado ao autoesvaziamento, foi historicamente interpretado na teologia cristã como forma de submissão ou aniquilamento feminino, reforçando estruturas patriarcais. Em contraposição, propõe-se reinterpretar a kénosis em diálogo com o pensamento de Gianni Vattimo, compreendendo-a não como submissão, mas como categoria de libertação, pluralidade e abertura ao outro. O objetivo central é elaborar uma hermenêutica do feminino fundamentada na kénosis e na noção vattimiana de pensamento fraco, capaz de desconstruir visões rígidas da tradição e abrir espaço para leituras do feminino na teologia contemporânea. O método adotado é uma abordagem hermenêutica, com apoio de pesquisa bibliográfica, que articula a filosofia da secularização e da superação da metafísica em Vattimo com as contribuições de teólogas feministas da kénosis, como Marta Frascati-Lochhead, Elizabeth A. Johnson e Rosemary Radford Ruether. A análise enfatiza a possibilidade de ressignificar a kénosis como ato de liberdade, intercessão e amor transformador, ampliando sua relevância para o debate do feminismo. A principal contribuição do artigo consiste em oferecer uma chave teórica para pensar o feminino na teologia

^[a] Licenciado e bacharel em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Tecnólogo em Gestão de Recursos Humanos pelo SENAC, licenciado em Filosofia pela Claretiano, graduado em História e Letras-Inglês pela Faculdade IBRA e mestre em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Orcid: <0009-0002-7460-5128>, e-mail: lucaspsfreitas@hotmail.com

contemporânea, valorizando pluralidade, diversidade e complexidade, e promovendo uma prática teológica crítica diante de estruturas patriarcais.

Palavras-chave: Gianni Vattimo. Teologia. Kénosis. Koiné. Feminino.

Abstract

This article begins with the problem that the concept of kenosis, traditionally associated with self-emptying, has historically been interpreted in Christian theology as a form of female submission or annihilation, thereby reinforcing patriarchal structures. In contrast, it proposes to reinterpret kenosis in dialogue with Gianni Vattimo's thought, understanding it not as submission, but as a category of liberation, plurality, and openness to the other. The central objective is to develop a hermeneutics of the feminine grounded in kenosis and in Vattimo's notion of weak thought, capable of deconstructing rigid views of tradition and opening space for new readings of the feminine in contemporary theology. The method adopted is a hermeneutical approach, supported by bibliographical research, which articulates Vattimo's philosophy of secularization and the overcoming of metaphysics with the contributions of feminist theologians of kenosis, such as Marta Frascati-Lochhead, Elizabeth A. Johnson, and Rosemary Radford Ruether. The analysis emphasizes the possibility of re-signifying kenosis as an act of freedom, intercession, and transformative love, broadening its relevance for gender debates. The main contribution of this article lies in offering a theoretical key for thinking the feminine in contemporary theology, valuing plurality, diversity, and complexity, while promoting a critical theological practice in the face of patriarchal structures.

Keywords: Gianni Vattimo. Theology. Kenosis. Koiné. Feminine.

Introdução

A secularização não tem como efeito colocar em luz cada vez mais plena a transcendência de Deus, purificando a fé de uma relação demasiado estreita com o tempo, as expectativas do aperfeiçoamento humano e as ilusões de um esclarecimento progressivo da razão. É, na verdade, uma maneira com a qual a *kenosis*, iniciada com a encarnação de Cristo – e, antes ainda, com o pacto entre Deus e o “seu” povo –, continua a se realizar em termos cada vez mais nítidos, dando prosseguimento à obra de educação do homem para à superação da essência violenta originária do sagrado e da própria vida social. (Vattimo, 2018a, p. 43).

A secularização, neste estudo, será compreendida em seu sentido hermenêutico, não como um fenômeno que diminui ou esvazia o valor do sagrado, mas como uma manifestação da *kénosis* progressiva de Deus, na qual a divindade se autoesvazia de maneira a possibilitar o desenvolvimento ético e social da humanidade. Nesse contexto, a secularização atua como mecanismo de orientação para a superação da violência historicamente inscrita nas tradições religiosas e nas estruturas sociais, permitindo que fé e temporalidade sejam reinterpretadas como processos contínuos de educação moral, ética e comunitária.

Consideremos um espaço em que as vozes femininas não apenas se fazem ouvir, mas dialogam de maneira articulada com as narrativas históricas, filosóficas e teológicas. Nesse contexto, a *kénosis*, compreendida como conceito de autoesvaziamento, não se apresenta apenas como um termo abstrato da tradição grega e cristã, mas como prática que problematiza estruturas patriarcais e valoriza a pluralidade de perspectivas femininas. A partir dessa perspectiva, o pensamento de Gianni Vattimo (2018a), filósofo italiano Heideggeriano e Nietzscheano que não

escondia sua opção sexual homossexual e na defesa de um pensamento em prol dos fracos (os que são vítimas do processo violento da metafísica) por meio de sua hermenêutica niilista, propõe uma revisão crítica das certezas estabelecidas, indicando a necessidade de construir uma *koiné* — espaço de intercâmbio cultural, espiritual e linguístico em que ideias e significados circulem de forma aberta e crítica. Para Vattimo (2018b, pp. 38-44), a secularização deve ser entendida como a outra face do cristianismo, ou seja, como a revelação da redução do *ser* e do contínuo esquecimento deste, anunciando, em continuidade com a tradição de Joaquim de Fiore (1135-1202), a “idade do espírito”. Tal processo permite o redirecionamento do sagrado, criando condições para o afloramento de novas vozes, especialmente as femininas, e promovendo a reconfiguração do espaço religioso e cultural de maneira inclusiva e plural.

Embora Vattimo não seja um teólogo da *kénosis*, sua obra sobre secularização e o enfraquecimento das estruturas metafísicas pode ser colocada em diálogo com a teologia da *kénosis*. Esse diálogo se torna relevante ao explorar temas como autoesvaziamento, interpessoalidade e superação de hierarquias de poder — tópicos com ressonâncias na crítica feminista às estruturas patriarcais, oferecendo novas perspectivas sobre como o feminino pode ser compreendido na teologia. De acordo com Vattimo (2018a, p. 52): “O único grande paradoxo e escândalo da revelação cristã é justamente a encarnação de Deus, a *kénosis*, ou seja, a inabilitação de todas as características transcendentais, incompreensíveis, misteriosas e, creio, também bizarras que, no entanto, muito comovem os teóricos no salto na fé.” A *kénosis*, como conceito central na revelação cristã, representa o paradoxo da encarnação de Deus, onde Ele se despoja de Sua transcendência para assumir uma existência humana limitada. Esse ato de despojamento, de renúncia às características divinas incompreensíveis, desafia nossa lógica e nos convoca ao salto de fé. Ao relacionar essa ideia com as hermenêuticas do feminino¹, podemos pensar que, assim como a *kénosis* revela a vulnerabilidade e fragilidade de Deus, as mulheres, historicamente marginalizadas, podem ser vistas como uma encarnação da divindade na fragilidade, desafiando a lógica patriarcal e propondo uma nova forma de compreensão espiritual. Vattimo, com sua interpretação da hermenêutica, nos ajuda a perceber que esse movimento de “inabilitação” é também um convite à superação da opressão e à aceitação do imenso valor que reside na vulnerabilidade e na limitação.

Buscamos explorar como a obra de Vattimo pode servir como fio condutor para um percurso fascinante pelas hermenêuticas do feminino. A proposta da *koiné* não é um conceito acadêmico isolado; ela se configura como um convite à festa das ideias, onde cada voz pode contribuir para um diálogo rico e multifacetado. A *kénosis*, entendida como um movimento de esvaziamento e intercessão, transforma-se em uma dança de colaboração, desafiando o patriarcado e criando espaço para um verdadeiro festival de vozes femininas.

Sob a lente de Vattimo (2018a, p. 23), a hermenêutica do feminino revela um espaço vibrante para discutir como gênero e teologia podem se entrelaçar de formas inesperadas, inclusive enquanto herança cristã. Ao combinar

¹ Ao empregar a expressão *hermenêuticas do feminino*, entende-se um esforço interpretativo que não busca a fixação de um sentido único ou essencialista do feminino, mas a abertura de um espaço de diálogo onde múltiplas vozes possam ser escutadas. Em Gadamer (1997), a noção de *fusão de horizontes* aponta para o encontro entre diferentes tradições e contextos históricos, no qual o intérprete se deixa afetar e transformar pela alteridade do texto e do outro. Esse movimento é fundamental para pensar o feminino não como um conceito estático, mas como experiência plural que emerge na relação dialógica. Em Vattimo (2001), a ideia de *koiné* acentua essa dimensão relacional ao propor uma linguagem comum marcada pela secularização e pela superação de verdades metafísicas absolutas. Assim, as *hermenêuticas do feminino* designam práticas interpretativas que, ao mesmo tempo em que reconhecem a historicidade e a fragilidade dos horizontes em jogo, buscam constituir uma comunidade interpretativa capaz de valorizar a diversidade das experiências femininas, sem reduzi-las a modelos normativos, mas contingenciados.

a noção de *kénosis* com a proposta da *koiné*, este artigo se propõe a abrir novos horizontes, onde filosofia, teologia e feminismo não apenas coexistem, mas se entrelaçam em um diálogo dinâmico e fecundo.

A problemática central deste estudo está em questionar como podemos utilizar a obra de Vattimo para repensar aspectos do feminino através da noção de *kénosis*, desafiando as estruturas patriarcais e fomentando a pluralidade de vozes femininas. A partir dessa investigação, este artigo propõe-se a explorar como a *koiné*, entendida como um espaço de intercâmbio linguístico e cultural, articula-se com as ideias vattimianas e abre caminho para um diálogo fecundo com a teologia da *kénosis* e do feminino.

A hermenêutica de Vattimo (2018a), ao propor uma reinterpretação das tradições filosóficas e teológicas, destaca a secularização e a superação da metafísica como pontos centrais para uma reconfiguração do discurso teológico. Neste contexto, a análise da *kénosis* revela-se como um processo de transformação da linguagem e das imagens de Deus, afastando-se de um Deus de poder absoluto e aproximando-se de uma concepção do divino baseada no esvaziamento, na compaixão e na mútua intercessão.

o que me parece deva ser levado em consideração é a hipótese de que também o papel da sexualidade na vida individual e social esteja envolvido no processo de secularização. Não só, ou principalmente, enquanto, com o enfraquecimento da moral religiosa tradicional, o sexo se torna mais livre, mas, sobretudo, enquanto tende a perder aquela aura sagrada – paraíso e inferno do burguês do século XIX – que conservou também na psicanálise. (Vattimo, 2018a, p. 55)

A hipótese de que a sexualidade desempenha um papel crucial no processo de secularização sugere uma transformação não apenas no comportamento, mas também na percepção simbólica do sexo, uma abertura do feminino. O enfraquecimento da moral religiosa tradicional não só propicia uma liberdade sexual, mas também despoja o sexo de seu caráter sagrado e moralmente polarizado, anteriormente associado ao paraíso e inferno. Essa transição reflete, assim, uma mudança na construção simbólica do desejo e da moralidade, que impacta tanto as relações sociais quanto a análise psicanalítica, anteriormente marcada pela dialética entre repressão e transgressão. Aqui cabe considerar a influência de René Girard (1923-2015) no pensamento Vattimiano, que destaca que a violência do sacrifício revela um Deus que se identifica com a vítima, não com o algoz, tornando a morte de Jesus um crime, não um sacrifício, logo, Jesus estaria na lógica de um mecanismo vitimário, mas romperia com a lógica do sacrifício enquanto violência na história, sendo portanto, o bode expiatório por excelência.

A *kénosis*, tradicionalmente compreendida como fragilidade ou rebaixamento daquele que se encarna, pode ser reinterpretada, no horizonte da hermenêutica filosófica, não como sinal de passividade ou anulação, mas como expressão de uma força autônoma e livre. Se, em termos cristológicos, trata-se do “descer” e “esvaziar-se”, é precisamente esse gesto que revela a potência de escolher o que fazer de si. Em Maria, essa dinâmica torna-se paradigmática: o seu *fiat* não é mera submissão a um destino previamente imposto, mas a manifestação de uma autonomia radical, na qual o esvaziamento não é perda, mas abertura para acolher e doar uma força que a transcende. Ao aceitar ser morada do divino, Maria não se rebaixa, mas se coloca no centro de uma liberdade que gera vida.

Nessa chave, a hermenêutica do feminino proposta encontra ressonância com o pensamento de Vattimo. Sua noção de secularização e de *pensiero debole* desconstrói leituras metafísicas de poder e autoridade, abrindo espaço para pensar a *kénosis* como linguagem da fragilidade que é, ao mesmo tempo, potência criadora. O “esvaziar-se” deixa de ser um imperativo de obediência patriarcal para ser um gesto interpretativo de liberdade, no qual o feminino não é reduzido a um arquétipo, mas emerge como horizonte plural. Assim, Maria pode ser vista não como modelo de submissão, mas como símbolo de uma autonomia que, ao consentir, inaugura uma nova história — contribuindo decisivamente para a construção de hermenêuticas do feminino na teologia contemporânea. Aqui cabe

pontuar sobre o debate sobre o sacerdócio feminino, Vattimo (2018a) aponta que as transformações sociais da modernidade, especialmente no reconhecimento do papel da mulher, já seriam suficientes para questionar a manutenção da ideia de um sacerdócio exclusivamente masculino. Para sustentar sua crítica, ele recorre à figura de Maria, mãe de Jesus, contrapondo-a ao dogma que limita o exercício sacerdotal aos homens, justificado apenas pelo fato de que os apóstolos eram homens (VATTIMO, 2018a, pp. 75-76) e pela tradição de referir-se a Deus predominantemente como “pai” e não como “mãe”, como bem argumenta Vattimo (2018a, p. 80): “Não reivindico o ‘natural’ direito da mulher ao sacerdócio, opondo uma metafísica a outra metafísica [...] Os exemplos do sacerdócio feminino e, ademais, também do tabu da homossexualidade são um terreno relativamente fácil para a aplicação do meu discurso sobre a secularização.”

De maneira mais ampla, Vattimo (2018a) defende que tanto a moral sexual quanto a própria concepção de Deus devem passar por um processo de desmitificação. Tal movimento não enfraquece a fé, mas, ao contrário, a torna mais acessível e racional, afastando-a de preconceitos de matriz metafísica. Esses preconceitos podem assumir a forma de um cientificismo ou historicismo que rejeita a fé como logicamente insustentável, ou ainda da imposição autoritária de uma interpretação eclesial que cristaliza a revelação em mitos irracionais (VATTIMO, 2018a, pp. 58-60). Assim, a proposta de Vattimo não consiste em abandonar o dogma, mas em reinterpretá-lo dentro do horizonte histórico, sobretudo naquilo que se mostra mais escandaloso ou incompatível com a experiência contemporânea.

Ao considerar a hermenêutica do feminino sob a ótica do pensamento de Vattimo, abre-se um campo fecundo para discutir as intersecções entre gênero, teologia e filosofia contemporânea, propondo não apenas uma crítica simbólica, mas uma verdadeira transformação nas estruturas sociais e religiosas.

A análise da *kénosis*, enquanto conceito central na teologia cristã, oferece uma provocação profunda sobre como repensar a experiência feminina dentro de contextos teológicos e sociais. Tradicionalmente, o conceito de *kénosis* foi interpretado como um ato de humilhação ou aniquilamento, com ênfase na ideia de que o esvaziamento de si é um processo de subordinação. Contudo, a questão se coloca: é possível ressignificar essa prática, considerando não apenas o esvaziamento, mas também a intercessão e a liberdade? Como podemos, então, reinterpretar a *kénosis* como um ato de amor sem limites, que valorize as identidades femininas e contribua para uma reflexão mais profunda sobre a experiência do feminino na teologia e na sociedade?

Ao abordar essa questão, buscamos explorar como a secularização e a superação da metafísica propostas por Vattimo, em sua crítica à razão forte e à busca por certezas absolutas, podem fornecer uma base para a construção de uma hermenêutica do feminino que seja, ao mesmo tempo, uma crítica radical às estruturas patriarcais e uma proposta de transcender as limitações impostas por essas mesmas estruturas. A secularização, no pensamento de Vattimo, não implica em uma negação do divino, mas sim em uma abertura para a pluralidade, um enfraquecimento das certezas dogmáticas que definem o ser e o poder. Esse movimento de enfraquecimento pode ser uma chave para reconstruir uma teologia que não se baseie mais em hierarquias rígidas e poder absoluto, mas sim na fluidez das relações humanas, onde o feminismo encontra um espaço para dialogar com as ciências da religião.

A problemática central que permeia este estudo é, portanto, a seguinte: como a secularização e a superação da metafísica, tal como propostas por Vattimo, podem permitir a construção de uma hermenêutica do feminino que critique e transcenda as estruturas patriarcais na teologia, criando um espaço para o feminismo que não apenas se opõe, mas também redefine as narrativas e práticas que historicamente marginalizaram as mulheres? Como podemos, a partir dessa perspectiva, ressignificar a *kénosis* — um conceito tão profundamente enraizado no cristianismo — para que ela não seja interpretada como aniquilamento social, mas como uma prática que valorize a liberdade e a autenticidade das identidades femininas, especialmente na pós-modernidade?

Essas questões se conectam diretamente ao desejo de revisar a noção de autoesvaziamento, que, ao longo da história, foi muitas vezes aplicada como uma justificativa para a subordinação das mulheres, apresentando-as como vítimas de um processo de aniquilamento de sua autonomia e identidade. Em vez disso, a proposta é compreender a *kénosis* como um movimento de transformação e renovação, em que o esvaziamento de si abre espaço para a criação de relações mais autênticas e igualitárias, onde a identidade feminina possa ser reconhecida em sua complexidade e singularidade.

Ao investigar a interseção entre a hermenêutica de Vattimo e a teologia feminista kenótica², propomos que o autoesvaziamento, longe de ser uma submissão passiva, seja entendido como um processo ativo de renúncia ao poder e à dominação. A verdadeira *kénosis* não é a negação da liberdade, mas sim uma libertação das estruturas de opressão que moldam as relações de gênero. A proposta da *kénosis*, neste contexto, oferece um caminho para repensar a relação entre as mulheres e o divino, oferecendo novas perspectivas sobre o papel do sofrimento e da compaixão, e sugerindo uma nova forma de pensar a justiça e a igualdade nas esferas social e teológica.

A partir da construção dessa hermenêutica do feminino, o objetivo é transcender a lógica patriarcal que subordina, não apenas mulheres, mas todas as formas de humanidade que se desviam do modelo masculino tradicional. A partir da lente da *kénosis*, esta teologia feminista kenótica busca desafiar tanto a opressão masculina quanto as formas de dominação que emergem de um modelo ginocêntrico³, que, ao tentar substituir um poder por outro, ainda preserva as mesmas dinâmicas de controle e subordinação.

A verdadeira transformação, conforme propõe Vattimo e a teologia feminista kenótica, requer um esvaziamento profundo e uma revisão radical da linguagem teológica e das imagens de Deus. Em vez de um Deus identificado com a autoridade absoluta e o controle, propõe-se um Deus que se esvazia e se entrega, estabelecendo uma relação mais humana e empática, capaz de desconstruir as lógicas de poder e criar uma sociedade baseada no amor mútuo e na compaixão, onde a igualdade seja real, e não apenas formal.

Portanto, a reflexão aqui proposta visa à criação de um campo de estudos onde a secularização, a *kénosis* e o feminismo possam se entrelaçar de maneira produtiva, gerando um espaço para a desconstrução crítica das estruturas de poder, a valorização das identidades femininas e a promoção de uma teologia verdadeiramente transformadora. Esse processo exige não apenas uma revisão das imagens de Deus, mas uma reconfiguração das relações humanas e das práticas sociais, visando à criação de uma nova humanidade onde as relações são fundadas no amor, na justiça e na mútua intercessão.

² A concepção de teologia feminista kenótica é trabalhada por Marta Frascati-Lochhead, especialmente em sua obra *Kenosis and Feminist Theology* (1998). A autora busca articular a noção de *kenosis* não apenas como categoria cristológica clássica de esvaziamento divino, mas como um horizonte metodológico para a própria teologia feminista. Nesse sentido, ela dialoga com o pensamento pós-moderno, particularmente com Gianni Vattimo, para mostrar que a kenose pode ser lida como um processo de enfraquecimento das estruturas rígidas e metafísicas que sustentaram tanto a tradição teológica ocidental quanto certas abordagens feministas essencialistas. Para Frascati-Lochhead, a kenose não significa a perpetuação de uma lógica de autoaniquilamento feminino — historicamente reforçada por contextos patriarcais —, mas sim a abertura para um descentramento criativo e relacional, no qual a subjetividade feminina se afirma na vulnerabilidade, na alteridade e no exercício da liberdade. Assim, sua proposta reposiciona a kenose como uma categoria crítica e emancipatória, capaz de reorientar a teologia feminista para além de esquemas fundacionistas, promovendo uma hermenêutica do feminino que se insere no horizonte do pensamento fraco.

³ Ginocentria refere-se à centralidade do feminino em um determinado contexto cultural, social ou simbólico, privilegiando perspectivas, valores e experiências das mulheres. Em filosofia e teologia feminista, a ginocentria busca reverter hierarquias patriarcais, valorizando o saber e a prática feminina como núcleo de interpretação e ação. É distinta do mero feminismo, pois propõe uma reorganização simbólica e epistemológica centrada no feminino.

O objetivo geral é explorar as hermenêuticas do feminino a partir da obra de Vattimo e de teólogas da *kénosis*, propondo uma *koiné* relacional que promova um diálogo entre as ciências da religião e o feminismo, desafiando as estruturas patriarcais e bioéticas. Já os objetivos específicos são: analisar a crítica feminista ao patriarcado e sua relação com a filosofia de Vattimo, investigar a aplicação do conceito de *kénosis* no feminismo, discutir a abordagem das teólogas Marta Frascati-Lochhead, Elizabeth Johnson e Rosemary Radford Ruether, identificando as implicações dessa análise para o feminismo pós-moderno.

A hermenêutica do feminino a partir de Vattimo: *kénosis* e a Teologia na perspectiva das Relações de Gênero

A proposta de Vattimo (1989) sobre a verdade e a hermenêutica, quando aplicada ao contexto do feminino, também encontra ressonância nos *mass media*⁴. Vattimo, influenciado pela filosofia pós-moderna, sugere que a verdade não é algo absoluto e imutável, mas sim algo que se configura de forma contingente, dependendo de contextos históricos e sociais específicos. Nesse sentido, os *mass media* desempenham um papel fundamental na construção e disseminação de narrativas sobre o feminino, contribuindo para a moldagem das representações de gênero. Ao desconstruir as "verdades absolutas" que muitas vezes são veiculadas pela mídia tradicional, a proposta hermenêutica de Vattimo oferece uma perspectiva crítica, que questiona como as imagens e representações de mulheres e de feminilidade são construídas e perpetuadas. Os *mass media*, ao transmitir essas representações, têm a capacidade de reforçar ou subverter as categorias rígidas de gênero. Com a multiplicidade de perspectivas que a hermenêutica valoriza, as narrativas midiáticas podem ser um espaço de reconfiguração do feminino, onde as identidades de gênero são mais fluidas e diversas, ao invés de rigidamente prescritas.

Além disso, os *mass media*, ao abrirem espaço para diferentes vozes e experiências femininas, podem contribuir para a criação de uma "verdade" plural, que respeite as subjetividades individuais e culturais. Isso alinha-se com a visão de Vattimo de que a verdade é algo em constante transformação, sendo moldada por diversos discursos e interpretações, em vez de ser algo universal e imutável. Assim, os *mass media* não apenas refletem, mas também moldam as construções de gênero, oferecendo oportunidades para a reinterpretação e subversão das normatividades tradicionais.

Portanto, a hermenêutica do feminino, quando articulada com as ideias de Vattimo, promove uma abordagem crítica dos *mass media*, reconhecendo a potência transformadora desses veículos na desconstrução das construções rígidas e normativas sobre o gênero, e, ao mesmo tempo, destacando a importância de se valorizar as múltiplas identidades e experiências femininas que desafiam os padrões estabelecidos.

Mas em que consiste mais especificamente a possível amplitude de emancipação, de libertação, da perda do sentido da realidade, no mundo dos *mass media*? Neste caso, a emancipação consiste mais no *desenraizamento* que é também, e simultaneamente, libertação das diferenças, dos elementos locais, de tudo aquilo a que podemos chamar, no seu conjunto, o dialecto. Caída a ideia de uma

⁴ *Mass media* (comunicação de massa) é um fenômeno da pós-modernidade que evidencia a fragilidade das verdades e das metanarrativas tradicionais. Ele fragmenta narrativas, multiplica perspectivas e enfraquece autoridades culturais e religiosas, ao mesmo tempo em que permite ao público participar ativamente na interpretação de sentidos, tornando a verdade relativa e interpretativa. Assim, os *mass media* exemplificam o pensamento fraco, democratizando e relativizando a cultura. Segundo Vattimo (1989, pp. 16-17), eles ampliam a emancipação e promovem o desenraizamento das diferenças, funcionando como uma comunicação generalizada que incorpora a multiplicidade de racionalidades locais, englobando minorias étnicas, sexuais, religiosas, culturais e estéticas. Nesse sentido, os *mass media* constituem um espaço no qual o feminino pode, finalmente, tomar a palavra.

racionalidade central da história, o mundo da comunicação generaliza explode como uma multiplicidade de racionalidades <<locais>> - minorias étnicas, sexuais, religiosas, culturais ou estéticas – que tomam a palavra, finalmente já não tacitamente aceites e retomadas pela ideia de que só existe uma única forma de humanidade verdadeira para realizar, não obstante todas as peculiaridades, todas as individualidades limitadas, efêmeras, contingentes. (Vattimo, 1989, p. 16-17)

A conexão com a *kénosis*, o esvaziamento de si, é crucial para essa abordagem, pois oferece uma metáfora teológica que dialoga diretamente com a ideia de desconstrução do feminino. No cristianismo, a *kénosis* é entendida como o movimento de Deus que se esvazia de sua divindade para se fazer humano, um gesto de humildade e entrega. Transposta para a reflexão feminista, a *kénosis* se torna uma poderosa ferramenta para pensar o feminino, não como um ser que deve preencher um espaço determinado pelas normas patriarcais, mas como algo que se esvazia das expectativas sociais e culturais para dar lugar a novas formas de ser. Esse movimento de esvaziamento, longe de representar uma perda ou aniquilação, surge como um processo de libertação, permitindo que o feminino se redefina e se reconstrua continuamente, em constante diálogo com a teologia e a filosofia como nos aponta a obra de Ruether (1983).

No campo das relações de gênero, a aplicação da *kénosis* oferece uma leitura subversiva da opressão feminina, pois não se limita a uma visão de resistência passiva, mas propõe um processo ativo de transformação e reconstrução de identidade. A teologia na perspectiva das relações de gênero, influenciada por essa perspectiva, passa a entender o feminino não como uma condição natural ou essencial, mas como uma construção fluida e mutável, que se dá através da interação com o mundo e com as outras subjetividades. Dessa maneira, o pensamento de Vattimo e a ideia de *kénosis* oferecem um espaço fértil para que o feminismo repense suas estratégias e objetivos, não apenas no enfrentamento das estruturas de poder tradicionais, mas na criação de novos paradigmas para a experiência feminina, mais inclusivos e menos limitados pelas normatividades históricas. O que pode ser pensado a partir da obra de Johnson (2007).

A *kénosis*, conceito central na teologia cristã, está profundamente ligada à narrativa da paixão de Cristo (Carta aos Filipenses 2, 5-8), onde o esvaziamento de si mesmo representa a renúncia ao poder e à autoridade, destacando-se como um movimento de humildade e serviço. Tradicionalmente, esse conceito tem sido interpretado como um ato de submissão, especialmente em relação às mulheres, que ao longo da história foram encorajadas a ver seu sofrimento como parte de sua vocação cristã. No entanto, ao ser abordada pela ótica de Vattimo e pela teologia feminista contemporânea, a *kénosis* ganha novas camadas de significado. O esvaziamento, neste contexto, não é mais visto como uma submissão passiva, mas como um desafio às estruturas patriarcais, que associam o divino ao poder masculino e autoritário. Assim, a *kénosis* se torna uma ferramenta teológica poderosa, sugerindo que o esvaziamento de poder implica na destruição das normas e hierarquias que oprime as mulheres, criando espaços de liberdade e transformação.

No fim, trata-se de entender que a verdade não se “encontra”, mas se constrói com o consenso e respeito da sociedade de cada um e das diversas comunidades que convivem, sem se confundir, em uma sociedade livre. O apelo ao ideal cristão da caridade não parece, por isso, descabido; e uma expressão como a de São Paulo: “*altheuontes*” (que se encontra também em Aristóteles, no livro VI da *Ética nicomaqueia*) pode ser tomada em seu sentido mais forte, como um verdadeiro e próprio convite a construir uma sociedade mais “verídica”, isto é, mais livre, democrática e amigável. (Vattimo, 2016, p. 17)

O termo “*altheuontes*” refere-se ao ato de agir em busca da verdade e da retidão, não como algo pré-existente a ser descoberto, mas como um processo ativo de construção ética e comunitária. Nesse sentido, São Paulo convida os fiéis a praticarem a caridade e a colaborarem para uma sociedade mais justa, livre e democrática, onde a verdade se realiza na convivência respeitosa e no consenso entre os indivíduos e comunidades. O respeito da

sociedade se relaciona com a teologia na perspectiva das relações de gênero e ressoa ao destacar a importância de respeitar as identidades e experiências diversas dentro de uma sociedade que se reconhece como livre e democrática. A citação de São Paulo, "altheuontes", remete à necessidade de um compromisso com a construção de uma verdade que seja, antes de tudo, inclusiva e baseada no respeito mútuo. Isso implica em um processo contínuo de reconhecimento e convivência das diferenças, essencial para a promoção de uma sociedade mais justa e igualitária. A leitura feminista da *kénosis* propõe que o esvaziamento de Jesus deve ser compreendido como um movimento subversivo, que não se limita a uma renúncia passiva, mas que ativamente questiona as estruturas de poder patriarcais. Nesse sentido, a teologia feminista interpreta a *kénosis* como um ato que rompe com a associação do poder divino com a masculinidade, promovendo uma revisão das relações de poder entre os gêneros. Ao reinterpretar a *kénosis* de forma crítica, as teólogas feministas buscam desconstruir as normas que limitam o feminino, propondo um modelo em que a mulher não seja mais vista como submissa ao poder, mas como uma agente de transformação. Esse esvaziamento, portanto, se apresenta como uma recusa a aceitar a opressão histórica e um convite para repensar as relações de gênero de maneira mais equitativa, com base no amor mútuo e na igualdade conforme Vattimo (2016).

No campo da teologia feminista, a proposta de reequilibrar as relações de gênero vai além da desconstrução do patriarcado, evitando que uma nova forma de opressão se substitua à dominação masculina. A *kénosis*, dentro dessa perspectiva, não é apenas uma crítica ao patriarcado, mas também uma resistência a qualquer tentativa de criar uma nova hierarquia que perpetue relações de poder desiguais. Ao invés de buscar substituir uma forma de dominação por outra, a teologia feminista propõe que a *kénosis* seja entendida como um princípio de transformação das relações humanas, baseado na compaixão, na igualdade e no respeito mútuo. Essa proposta visa a construção de uma sociedade mais justa, onde as mulheres possam se libertar das expectativas opressivas e encontrar um espaço genuíno de identidade e autonomia, livre das imposições históricas de gênero (Vattimo, 2018a).

Vattimo, com sua filosofia do "pensamento fraco", propõe uma crítica ao "pensamento forte" que impregna as tradições filosóficas e teológicas. O "pensamento forte", de acordo com Vattimo, é aquele que busca estabelecer verdades absolutas e hierarquias imutáveis, uma visão que resiste à mudança e à pluralidade. Para ele, essas estruturas rígidas de poder devem ser dismanteladas, permitindo a emergência de novas formas de ser e de pensar, mais abertas e fluidas. Ao enfraquecer as certezas absolutas, Vattimo propõe que a verdade se torne um espaço dinâmico, onde a interpretação e a flexibilidade são centrais. Esse movimento de enfraquecimento das estruturas de poder é uma proposta que ressoa com a teologia feminista, que busca não simplesmente substituir uma forma de dominação por outra, mas sim desarticular toda a lógica de poder que sustenta a opressão. Para as teólogas feministas, isso implica em questionar as relações de poder, tanto masculinas quanto femininas, que reforçam a desigualdade e a opressão, propondo uma reconfiguração das relações humanas com base na liberdade e na igualdade (Vattimo, 2018b).

A análise do uso dos termos Logos e Sophia no cristianismo pode ser compreendida à luz da hermenêutica, entendida como prática interpretativa sensível ao contexto histórico, cultural e simbólico dos textos sagrados. A escolha do termo Logos, em lugar de Sophia, revela como a tradição cristã reinterpretou heranças judaicas e filosóficas para articular a identidade divina de Jesus, ao mesmo tempo em que determinadas escolhas lexicais e simbólicas sistematicamente obscurecem dimensões de gênero, como o aspecto feminino da divindade. Nesse sentido, a hermenêutica torna-se um instrumento crítico, capaz de desvelar as tensões entre tradição, inovação e construção simbólica, mostrando como a linguagem teológica contribui para a legitimação ou restrição de determinadas representações culturais, sociais e teológicas, como pensa a teóloga Rosemary Ruether:

No cristianismo, a ideia de uma segunda pessoa de Deus, expressando a imanência divina — a presença de Deus na criação, na revelação e na redenção —, foi apropriada para explicar a

identidade divina de Jesus. Enquanto os trechos em Hebreus (capítulos 1 e 2) e em outros livros do Novo Testamento ecoam a tradição da Sabedoria, o termo Logos (Palavra), usado pelo filósofo judeu Filon, é preferido a Sophia (Sabedoria). As raízes do conceito de Logos na tradição da Sabedoria são evidentes em muitos pontos. Paulo afirma: “Pregamos Cristo crucificado... que é... a Sabedoria de Deus” (1 Cor. 1:23-24). Vários hinos cristológicos substituem a palavra Logos pela palavra Sophia. Teologicamente, Logos desempenha os mesmos papéis cosmológicos de Sophia: fundamento da criação, revelador da mente de Deus e reconciliador da humanidade com Deus. No entanto, o uso do termo masculino Logos, quando identificado com a masculinidade do Jesus histórico, obscurece a fluidez simbólica de gênero, dando a impressão de que o “Filho de Deus”, imagem do Pai, é exclusivamente masculino. (Ruether, 1983, p. 58)

Um aspecto que merece atenção é a forma diferenciada como a tradição teológica tratou a experiência de Maria diante do mistério da encarnação. Enquanto a humilhação de Cristo e o ato de descida de Deus ao mundo são interpretados como gestos salvíficos dotados de autoridade e potência redentora, a condição de Maria, em seu contexto histórico, foi muitas vezes compreendida como humilhação social, marcada por suspeitas e aniquilamento simbólico. No entanto, a aceitação livre e consciente dos planos divinos revela um movimento distinto: Maria não é mera espectadora, mas participante ativa da *kénosis*. Ao esvaziar-se de si, acolhendo em seu corpo e em sua história a novidade do Verbo, ela subverte os valores de sua época e se torna protagonista de uma transformação que vai além do papel culturalmente atribuído ao feminino.

Essa discrepância hermenêutica suscita uma questão crítica: por que a autohumilhação de Deus e de Cristo é vista como ato redentor, enquanto o esvaziamento de Maria é frequentemente lido como sinal de submissão e fragilidade feminina? Tal assimetria revela não apenas uma leitura patriarcal da tradição, mas também a necessidade de ressignificar a *kénosis* a partir de uma hermenêutica do feminino. Nesse horizonte, a experiência de Maria pode ser reinterpretada não como aniquilamento social, mas como gesto de autonomia e liberdade, no qual o feminino não se reduz a obediência passiva, mas emerge como força criadora e cooperante na economia da salvação.

Dentro dessa proposta, a *kénosis* assume um novo papel na teologia feminista, sendo compreendida como um ato ativo de rejeição às estruturas de poder opressivas, e não como uma aceitação passiva da subordinação. Em sua interpretação tradicional, a *kénosis* foi associada ao sacrifício e à doação, com ênfase na submissão e no sofrimento, especialmente das mulheres, que eram incentivadas a ver seu sofrimento como parte de sua vocação cristã. No entanto, a teologia feminista propõe uma abordagem alternativa, no qual o esvaziamento (*kénosis*) é visto como um processo de desconstrução das dinâmicas de poder e não como um processo de autoanulação ou submissão. A *kénosis*, portanto, torna-se uma ferramenta para resistir à opressão, ao invés de uma justificativa para a subordinação. Essa releitura feminista da *kénosis* sugere que as mulheres, ao abraçarem o esvaziamento, devem não apenas rejeitar a dominação patriarcal, mas também resistir a qualquer forma de opressão que as limite enquanto seres humanos plenos e autônomos (Vattimo, 1989).

Essa proposta de leitura feminista da *kénosis*, que rejeita a interpretação de submissão, também propõe uma reflexão sobre as dinâmicas de opressão que não são apenas patriarcais, mas também ginocêntricas. Ao longo da história, as mulheres foram ensinadas a se submeter não só aos homens, mas também a uma imagem do feminino que as relegava a um papel de servitude e sacrifício. Nesse sentido, a teologia feminista propõe que a *kénosis* seja uma forma de subverter essas dinâmicas, criando um espaço de liberdade em que as mulheres possam se despojar das expectativas sociais e culturais que as limitam. O esvaziamento, nesse contexto, é visto não como uma perda de poder, mas como a liberação do potencial feminino, permitindo que as mulheres se libertem tanto das estruturas patriarcais quanto das imposições sobre o que significa ser mulher. Isso implica, portanto, em uma reconfiguração

das relações de gênero, baseadas na igualdade e no respeito mútuo, onde a *kénosis* se torna um princípio de transformação que ultrapassa as limitações históricas impostas às mulheres (Vattimo, 2018b).

A aplicação da *kénosis* à teologia na perspectiva das relações de gênero propõe uma transformação profunda nas narrativas religiosas, desconstruindo os símbolos e as estruturas patriarcais sem cair na armadilha de simplesmente inverter os papéis de poder. A proposta não visa substituir a autoridade masculina pela feminina, mas sim criar um espaço onde as relações entre os gêneros sejam baseadas na igualdade, no respeito mútuo e na colaboração. Ao rejeitar as dinâmicas hierárquicas, a *kénosis* permite uma abordagem teológica que desafia a identificação do divino com qualquer forma de poder dominante, seja masculino ou feminino. Essa revisão teológica exige um novo olhar sobre a linguagem religiosa, que deve ser ressignificada para refletir uma compreensão mais inclusiva e pluralista do divino, onde as imagens de poder não sejam mais uma referência para a relação entre as pessoas, mas um convite para a transformação das relações humanas em um espaço de equidade e justiça (Vattimo, 2016).

Esse movimento de desconstrução da *kénosis* é, portanto, um ponto de partida crucial para a teologia feminista, que busca criticar as estruturas de poder, tanto no âmbito religioso quanto social, que sustentam as desigualdades de gênero. Para a teologia feminista kenótica, a renúncia ao poder não é uma forma de submissão ou resignação, mas sim um ato de transformação ativa das relações humanas. A *kénosis* se torna uma prática de renovação, em que a renúncia ao poder não implica em aniquilação, mas em uma reconfiguração das dinâmicas sociais, permitindo a criação de novas formas de convivência. A igualdade entre os gêneros deixa de ser apenas uma ideia abstrata e se torna um objetivo concreto a ser vivido em práticas sociais que envolvem o reconhecimento da dignidade humana de todas as pessoas, independentemente de seu sexo, gênero ou qualquer outra característica. Isso representa um passo importante na construção de uma sociedade mais justa, onde a distribuição de poder não está mais vinculada às categorias tradicionais de dominação (Vattimo, 2018a).

Dentro dessa perspectiva, a hermenêutica do feminino, inspirada pela *kénosis*, propõe uma desconstrução radical das estruturas de poder que perpetuam a desigualdade de gênero. Essa desconstrução não se limita ao campo teológico, mas se estende às práticas sociais, políticas e culturais que historicamente sustentaram uma visão hierárquica dos gêneros. A *kénosis*, ao ser aplicada à questão de gênero, revela que as relações entre os sexos não devem ser organizadas em torno de um sistema de subordinação, mas devem ser reconstruídas com base em princípios de igualdade e colaboração. Assim, a hermenêutica do feminino não apenas propõe uma reinterpretação das escrituras religiosas, mas também desafia as estruturas sociais e culturais que se baseiam na dominação de um gênero sobre o outro, apontando para a criação de uma nova humanidade, mais equitativa e justa para todos os seres humanos (Vattimo, 2016).

A reflexão de Vattimo sobre a secularização e o enfraquecimento das estruturas metafísicas oferece uma nova perspectiva para entender o sofrimento feminino. Influenciado pelas obras “Assim Falou Zaratustra” e “A Gaia Ciência” de Friedrich Nietzsche (1844-1900) e “Ser e Tempo” de Martin Heidegger (1889-1976), Vattimo argumenta que a história do Ocidente tem sido caracterizada pela decadência das verdades absolutas, o que abre espaço para novas formas de pensar o ser e as relações humanas, pensando conforme a diferença ontológica heideggeriana, no ser enquanto histórico, desvelando-se na linguagem, projeto do qual Vattimo (2018a, 2018b) afirmava enquanto “enfraquecimento do ser”. Nesse contexto, o sofrimento feminino não é mais visto como uma característica essencial ou inevitável das mulheres, mas como uma manifestação das estruturas opressivas que precisam ser desmanteladas. O sofrimento das mulheres, portanto, não é um destino predeterminado ou uma condição natural, mas um reflexo das injustiças sociais e das desigualdades que ainda persistem nas sociedades contemporâneas. Assim, a análise de Vattimo nos permite enxergar esse sofrimento não como algo a ser aceito, mas como um ponto de partida para uma crítica radical das estruturas de poder que sustentam tais desigualdades (Vattimo, 2018b).

A relação entre *kénosis* e sofrimento feminino, nesse sentido, propõe uma abordagem renovada das experiências das mulheres, afastando-se da visão tradicional que associa o sofrimento à redenção ou à missão divina. A *kénosis* feminista sugere, ao contrário, que o sofrimento não é uma condição a ser redimida, mas uma expressão das estruturas sociais e religiosas que o impõem. A proposta feminista de *kénosis*, ao rejeitar as estruturas que impõem o sofrimento, abre a possibilidade para a construção de uma nova forma de humanidade, baseada em princípios de igualdade e justiça. O sofrimento feminino, quando analisado à luz da *kénosis*, não é visto como uma submissão passiva, mas como uma oportunidade para desafiar e desconstruir as estruturas de opressão que perpetuam a desigualdade de gênero. Nesse processo, o sofrimento deixa de ser um fardo, passando a ser uma força transformadora, que pode impulsionar a emancipação das mulheres e a transformação das relações de poder na sociedade (Vattimo, 1989).

Assim, a *kénosis*, ao ser aplicada ao sofrimento feminino, oferece uma possibilidade de reconstrução das narrativas sobre o gênero e a opressão. Ao invés de ver o sofrimento como uma característica fixa ou irreversível, a teologia feminista kenótica propõe uma revisão das relações de poder, convidando à construção de uma sociedade mais solidária e inclusiva. Essa abordagem desafia a lógica de dominação e opressão, promovendo um processo de transformação que não apenas questiona as desigualdades de gênero, mas também busca a construção de um mundo mais justo para todos. A *kénosis*, ao transformar a compreensão do sofrimento, permite que as mulheres não se vejam mais como vítimas de uma ordem natural ou divina, mas como agentes de mudança capazes de moldar uma nova realidade (Vattimo, 2018b).

Por fim, a aplicação da *kénosis* à teologia na perspectiva das relações de gênero, em conjunto com o pensamento fraco de Vattimo, oferece uma perspectiva inovadora para a teologia feminista, que busca não apenas criticar as estruturas patriarcais, mas transformar as relações humanas de maneira profunda e radical. A *kénosis* feminista, então, não é apenas uma crítica ao patriarcado, mas um convite à criação de uma nova humanidade, onde as relações de gênero sejam construídas com base na igualdade, na compaixão e no respeito mútuo. Ao integrar essas ideias, a hermenêutica do feminino torna-se um ponto de partida para a transformação social e espiritual, criando um "espaço comum" onde homens e mulheres possam coexistir de maneira harmoniosa e equitativa (Vattimo, 2016).

Crítica ao essencialismo e à Biotética

A crítica ao essencialismo e à bioética, quando lida hermenêuticamente à luz da *kénosis* em diálogo com Frascati-Lochhead (1998), Ruether (1983) e Vattimo (2006), revela-se como um movimento de desconstrução das categorias fixas que sustentam tanto discursos teológicos tradicionais quanto certas práticas éticas normativas. O essencialismo parte da ideia de naturezas imutáveis — como “homem”, “mulher” ou “vida humana” — utilizadas como fundamentos reguladores do agir. Ruether (1983, p. 75) mostra como tais categorias, sobretudo no campo da teologia, legitimaram a naturalização do patriarcado e o silenciamento da experiência feminina. Frascati-Lochhead (1998, p. 28), ao ler a *kénosis* como esvaziamento do poder e do discurso totalizante, propõe que esse paradigma cristão pode ser reapropriado para questionar estruturas rígidas, abrindo espaço à alteridade e ao reconhecimento das diferenças. Já em chave pós-metafísica, Vattimo (2006) insiste que não há essências últimas a sustentar a moral ou a religião, mas apenas interpretações que se fragilizam no processo histórico, o que exige um pensamento fraco em lugar da rigidez normativa. No campo da bioética, o apelo ao essencialismo é recorrente, seja na definição de fronteiras da vida, seja na invocação de uma “natureza humana” universal, mas esse discurso tende a se fechar às experiências concretas de sofrimento, vulnerabilidade e gênero, repetindo mecanismos de exclusão. À luz da *kénosis* hermenêutica, contudo, uma bioética alternativa se configura não como disciplina de fronteiras, mas como disciplina de hospitalidade, fundada na abertura ao outro e no cuidado com a carne concreta, não na imposição de princípios fixos. Assim, a convergência entre a crítica feminista de Ruether, a hermenêutica kenótica de Frascati-Lochhead e o

pensamento enfraquecido de Vattimo aponta para uma ética relacional e plural, capaz de deslocar a normatividade essencialista e de colocar no centro a vulnerabilidade humana como lugar teológico e ético privilegiado.

Ao invés de se restringir a uma operação ética (hospitalidade, cuidado) ou a uma crítica à normatividade essencialista, a *kénosis* poderia ser compreendida como um gesto metodológico: esvaziar-se das pretensões de totalidade, de universalidade e de neutralidade que marcaram o discurso ocidental — especialmente a bioética moderna, fortemente tributária da tradição racionalista e metafísica.

Essa perspectiva permite pensar uma bioética kenótica, que não parte da abstração de princípios universais (autonomia, beneficência, sacralidade da vida), mas da hermenêutica das situações concretas, marcada pela vulnerabilidade e pela pluralidade dos corpos e experiências. Trata-se de articular o que Ruether denuncia como exclusão estrutural das mulheres na tradição cristã com o que Vattimo chama de “enfraquecimento da metafísica”, resultando numa bioética que assume a contingência e o pluralismo como condições de possibilidade, não como ameaças.

Frascati-Lochhead (1998, p. 30), ao reinterpretar a *kénosis*, fornece a chave para que esse esvaziamento deixe de ser lido como submissão e se torne uma estratégia de redistribuição de poder: um “ato hermenêutico-feminista” de descentralização. Nessa linha, a proposta inovadora é pensar a *kenosis* não apenas como categoria teológica, mas como princípio regulador de um método crítico interdisciplinar, capaz de atravessar a teologia, a filosofia e a bioética, propondo um saber que se esvazia das hierarquias para se reconstruir em redes de cuidado, vulnerabilidade e diálogo.

Assim, a inovação consiste em propor a *kénosis* como categoria epistemológica e metodológica para repensar a bioética e a teologia feminista em chave hermenêutica, onde o enfraquecimento não é perda, mas condição criativa de abertura a novos horizontes de sentido.

A questão do sacerdócio feminino na Igreja Católica pode ser analisada de modo fecundo a partir da hermenêutica do enfraquecimento de Vattimo (2006, p. 69). A posição oficial da Igreja, que recusa às mulheres o acesso ao ministério ordenado, está assentada numa leitura essencialista da tradição: a mulher é compreendida como naturalmente inapta a representar sacramentalmente Cristo, o que implica a manutenção de uma estrutura hierárquica e patriarcal justificada por uma ontologia fixista. A mensagem cristã, quando lida nesse horizonte, não é a defesa de instituições imutáveis, mas a radicalização de um movimento de fragilização das estruturas dominantes em favor da caridade e da abertura ao outro, sendo a caridade o único elemento do cristianismo que não cai na redução da secularização, isso é, de seu espírito revelador integrador.

Nesse sentido, a exclusão das mulheres do sacerdócio não se sustenta como fidelidade ao Evangelho, mas como resistência a essa lógica kenótica. O pensamento fraco de Vattimo ajuda a compreender que a verdade cristã não é um depósito intocável, mas um processo hermenêutico que se dá na história, sempre em diálogo com as transformações culturais e sociais. A manutenção da proibição do sacerdócio feminino, ao invés de expressar continuidade com a tradição, revela um fechamento metafísico que absolutiza formas históricas contingentes, contradizendo o próprio movimento de secularização que, segundo Vattimo, é constitutivo do cristianismo, como o autor argumenta:

Bastaria aqui citar aqui um exemplo clamoroso, o da recusa do sacerdócio feminino, que o papa não argumenta com razões de oportunidade ou de hábito histórico, o que ainda seria compreensível, mas com o apelo a uma vocação ‘natural’ da mulher que, atualmente, apenas uma concepção metafísica e essencialista consegue levar a sério. E hoje não existe somente o problema da relação com a ciência e com as exigências da emancipação, como no caso do feminismo. (Vattimo, 2006, p. 69)

Ignorando o horizonte hermenêutico da secularização e da emancipação, há ainda essa essência natural sobre o sacerdócio feminino. Em chave vattimiana, tal postura revela a resistência em assumir o cristianismo como *kénosis*, isto é, como enfraquecimento das hierarquias em favor da caridade e da abertura histórica.

Assim, pensar o sacerdócio feminino à luz do enfraquecimento significa reconhecer que o Evangelho não pode ser reduzido a categorias essencialistas de gênero, mas deve ser reinterpretado em chave de hospitalidade e inclusão. O gesto kenótico, que desfaz hierarquias em favor da proximidade e do cuidado, não legitima a exclusão, mas exige a abertura para que mulheres também participem plenamente do ministério ordenado. O sacerdócio feminino, nesse horizonte, não é apenas uma reivindicação social, mas um aprofundamento do próprio cristianismo pós-metafísico que Vattimo identifica: um cristianismo que se esvazia do poder hierárquico para reencontrar-se com sua vocação mais radical, a caridade.

Tecnologia, Mortalidade e a Experiência da Finitude em Vattimo e Ruether

A relação entre tecnologia e mortalidade constitui uma das tensões centrais do pensamento pós-moderno, especialmente diante dos avanços biomédicos e digitais que prometem prolongar a vida e até mesmo ensaiam narrativas de imortalidade artificial. Contudo, a experiência da finitude permanece como um dado inelutável da condição humana, que não pode ser simplesmente neutralizado por dispositivos técnicos. É nesse ponto que a hermenêutica do pensamento fraco de Vattimo e a crítica feminista de Rosemary Ruether, em *Sexism and God-Talk* (1983), oferecem perspectivas complementares e críticas para pensar a finitude no horizonte da técnica e da teologia.

Para Vattimo (1989), a técnica enquanto *Ge-Stell* (enquadramento) não é apenas um conjunto de ferramentas, mas um destino histórico do Ocidente, que se faz presente quando percebe-se estar disposto perspectivas de mundo para serem manipuladas, caráter inseparável do processo de secularização e da dissolução das verdades metafísicas. A tecnologia revela a fragilidade do humano, não apenas porque amplia nossas capacidades de sobrevivência, mas sobretudo porque evidencia a ausência de um fundamento último. Ao invés de anular a morte, a técnica a reinscreve em um novo campo de experiência, no qual a vida aparece como contingente, interpretativa e marcada pelo enfraquecimento das estruturas fortes da metafísica. Assim, a morte deixa de ser pensada como um limite externo e passa a ser compreendida como dimensão constitutiva da existência histórica.

Ruether (1983), por sua vez, parte de uma crítica feminista à tradição teológica cristã, mostrando como as estruturas patriarcais moldaram a compreensão da mortalidade e da redenção. Segundo ela, a teologia androcêntrica muitas vezes interpretou a morte e a finitude como punição ou queda, subordinando os corpos — sobretudo os corpos femininos e subalternos — a uma lógica de desprezo pela materialidade. Contra essa tradição, Ruether propõe uma teologia inclusiva que valoriza a mortalidade como dimensão essencial da vida encarnada. A finitude não deve ser negada, mas integrada em uma ética relacional, ecológica e comunitária. Em sua crítica, Ruether alerta ainda para o imaginário de dominação presente em certas promessas tecnológicas de imortalidade, que tendem a refletir uma lógica masculina de controle sobre o corpo e a natureza.

O diálogo entre Vattimo e Ruether revela convergências importantes. Ambos recusam as leituras metafísicas que absolutizam a imortalidade e obscurecem a historicidade concreta da existência. Vattimo oferece uma hermenêutica da finitude, que insere a tecnologia no movimento de enfraquecimento das verdades absolutas; Ruether acrescenta a dimensão crítica de gênero e a denúncia das estruturas de poder que deformam a experiência da mortalidade. Assim, a técnica deve ser compreendida em sua ambivalência: de um lado, obscurece a finitude ao propor horizontes de superação da morte; de outro, torna mais visível a vulnerabilidade constitutiva da vida.

Aqui, tanto a hermenêutica do pensamento fraco quanto a teologia feminista convergem para a afirmação da finitude como horizonte de responsabilidade. A mortalidade não é um defeito a ser corrigido pela técnica, mas condição fundamental de uma existência ética, comunitária e interpretativa. Pensar tecnologia e morte a partir de

Vattimo e Ruether significa deslocar o foco da ilusão de transcendência técnica para a valorização da vida concreta, em sua fragilidade, corporeidade e pluralidade histórica.

E a partir de Heidegger que Vattimo (2018b, p. 175) afirma: "Heidegger chega a escrever que a morte é o escrínio do Ser. A morte, escrínio do Ser? É possível? Sim. Afinal, quantas vezes posso mudar de ideia ao longo da vida? Quatro, cinco vezes, depois chega. Se não morresse, estaria sempre preso à última interpretação que inventei." Logo, a morte é o que dá lugar aos outros eventos do Ser, o fechamento das possibilidades existenciais. Ela confere à vida sua finitude interpretativa, libertando o indivíduo da prisão das interpretações acumuladas. Assim, a morte torna-se condição ontológica para a autenticidade da existência, assim como a redução do *ser* se dá enquanto iluminação e retirada frente à linguagem histórica da *kénosis*.

Já Ruether (1983, p. 127, tradução nossa) afirma: "Os indivíduos devem aceitar a morte como uma parte natural da vida e concentrar-se em criar, ao longo de suas existências, uma comunidade justa e solidária, confiando que a essência de suas vidas contribuirá para a experiência humana contínua." Logo, valoriza a finitude como parte natural da vida, deslocando o foco do controle ou dominação, típicos de visões patriarcais. Ao enfatizar cuidado, comunidade e continuidade da experiência humana, ela reforça princípios feministas de interdependência, ética relacional e valorização da vida encarnada. Assim, integra mortalidade e justiça social numa perspectiva emancipatória com ênfase na imanência.

A contribuição hermenêutica de Vattimo – uma Koiné relacional

A relação entre Nietzsche e Heidegger, no pensamento de Vattimo, é uma análise complexa e profunda da dissolução da metafísica, da secularização e da modernidade, com implicações significativas para a compreensão da subjetividade e da filosofia contemporânea. Vattimo não apenas explora essas ideias de maneira filosófica, mas também as insere dentro de um contexto cultural e histórico, reconhecendo a importância da interpretação hermenêutica da filosofia como um movimento dinâmico, inseparável de seu contexto cultural e das transformações da sociedade moderna (Vattimo, 2016).

Vattimo, ao lidar com Heidegger e Nietzsche, propõe uma interpretação do niilismo⁵ que desafia as leituras tradicionais desses pensadores. Para Heidegger, o niilismo de Nietzsche é visto como uma perda do Ser, um esquecimento do Ser enquanto tal. Contudo, Vattimo, ao "trair" Heidegger em favor de uma maior fidelidade às intenções originais de Nietzsche, sugere que a superação da metafísica, de fato, implica que nada resta do Ser como uma estrutura ou fundação absoluta. Isso não deve ser entendido como um fim, mas como um esvaziamento ou dissolução das pretensões metafísicas de um Ser essencial, trazendo à tona uma nova forma de pensar o Ser, mais fluida e descentrada. O niilismo, ao ser levado às suas consequências extremas, não é uma catástrofe, mas uma abertura para novas formas de compreensão e interpretação, que são exatamente o que Vattimo defende como sendo a condição do pensamento pós-moderno (Vattimo, 2018a).

O conceito de "filosofar com um martelo", proposto por Nietzsche, tem uma relevância central no pensamento de Vattimo, pois, ao contrário de uma destruição pura e simples, ele é um método que questiona e desconstrói as certezas estabelecidas. Para Nietzsche, a cultura europeia precisa ser reavaliada, não apenas destruída,

⁵ De acordo com Vattimo (1987, pp. 21-22): "Niilismo significa aqui o que significa para Nietzsche, na nota do início da velha edição de *Wille zur Macht*: a situação na qual o homem rola do centro para o X. [...] que o homem role do centro para o X, só é possível porque "do ser como tal não resta nada" [...] Ainda acerca dos conteúdos do modo de se manifestar do niilismo, as teses de Nietzsche e Heidegger, concordam para além das diferenças de perspectiva teórica: para Nietzsche, todo o processo do niilismo é assumido na morte de Deus, ou na "desvalorização dos valores supremos"

e esse processo de "golpear ídolos" não implica em uma negativa radical, mas em uma escuta profunda do que esses ídolos representam e como eles condicionam a subjetividade e a cultura. Vattimo toma essa crítica cultural e a conecta diretamente ao movimento da secularização, sugerindo que Nietzsche não apenas descreve a decadência da cultura ocidental, mas também aponta para a dissolução das estruturas de autoridade e dos fundamentos absolutistas que sustentam a modernidade (Vattimo, 2016).

Dentro dessa perspectiva, o que está em jogo não é apenas uma interpretação filosófica das ideias de Nietzsche e Heidegger, mas uma compreensão mais ampla do destino da subjetividade na modernidade e na pós-modernidade. Vattimo fala de uma continuidade entre esses dois filósofos, uma continuidade que reflete a dissolução da subjetividade moderna e a emergência de novas formas de existência, determinadas pelas transformações tecnológicas e pela globalização. Essa continuidade não se refere a uma simples sobreposição de ideias, mas a uma afinidade essencial na crítica às bases metafísicas da modernidade, que culmina em um novo entendimento da existência humana, mais conectada à pluralidade e à relatividade (Vattimo, 2018b).

Esse movimento de secularização e a dissolução das fundações metafísicas não representam, como Vattimo observa, uma rejeição do cristianismo ou das suas raízes espirituais, mas sim uma transformação dentro de uma continuidade profunda com a tradição cristã. A secularização não é um movimento puramente negativo, como se o cristianismo fosse deixado para trás ou diluído, mas algo que faz parte do destino do cristianismo, uma transformação que leva a uma forma "enfraquecida" de espiritualidade, em que a verdade não se encontra mais em uma estrutura rígida e transcendental, mas em interpretações múltiplas e fluidas. Vattimo vê essa secularização não como a perda da fé, mas como uma reconfiguração de sua essência, como uma transição para um novo modo de experimentar o espiritual que não se limita às formas dogmáticas ou autoritárias do passado (Vattimo, 2016).

A concepção da morte de Deus torna-se central nesse contexto, pois oferece uma chave interpretativa tanto para Nietzsche quanto para Vattimo. Na *Gaia Ciência*, Nietzsche (2017, pp. 130-131) anuncia a morte de Deus como o colapso das certezas metafísicas e das verdades absolutas, implicando a necessidade de repensar valores, sentido e autoridade. De maneira análoga, Vattimo articula a morte de Jesus na cruz como um evento que revela a fragilidade do divino no mundo: a encarnação culmina em esvaziamento extremo, subvertendo hierarquias de poder e mostrando a vulnerabilidade de Deus frente à existência humana. Para Vattimo, a cruz não é apenas um sacrifício redentor, mas também a manifestação da "ontologia fraca", em que o poder e a presença divina se tornam interpretativos e relacionais, e não autoritativos. Assim, a morte de Deus nietzschiana e a morte de Jesus na cruz convergem na crítica à pretensão de verdades absolutas e à dominação hierárquica: ambas enfatizam a fragilidade, a vulnerabilidade e a interpretação como eixo da realidade, abrindo espaço para leituras que valorizem a liberdade, a pluralidade de sentidos e a participação ativa da humanidade na construção de valores.

Dentro desse contexto, a hermenêutica desempenha um papel crucial, pois é a chave para compreender essa transformação da subjetividade e da experiência religiosa. Para Vattimo, a hermenêutica não é apenas uma ferramenta filosófica, mas uma expressão dessa secularização, que dissolve as certezas metafísicas e abre espaço para uma multiplicidade de interpretações e significados. Ela representa o movimento de desfundamentação das verdades absolutas, propondo um pensamento que se baseia na interpretação e na pluralidade, sem a necessidade de recorrer a uma unidade essencial ou definitiva. A hermenêutica, por essa razão, não deve ser vista como uma técnica neutra de interpretação, mas como um agente ativo na formação da realidade, capaz de mudar a forma como nos relacionamos com o mundo e com o transcendente (Vattimo, 2018b).

Em relação à hermenêutica, Vattimo também discute a sua conexão com a religião, particularmente no que diz respeito à maneira como ela lida com a verdade. Ele argumenta que a hermenêutica subverte a objetividade científica e, ao mesmo tempo, oferece uma abertura para a experiência religiosa. Ao questionar a verdade como uma conformidade entre enunciado e objeto, a hermenêutica oferece um espaço para a pluralidade das interpretações religiosas, sem que isso implique uma negação da possibilidade de uma experiência religiosa autêntica. Em vez disso,

ela permite uma compreensão da religião que não está subordinada a uma estrutura dogmática ou absoluta, mas que reconhece a diversidade de experiências e interpretações religiosas, de acordo com as condições históricas e culturais de cada época (Vattimo, 2016).

Vattimo também conecta a hermenêutica com a noção de *kénosis*, especialmente a partir da exegese bíblica, que ele entende como um movimento de esvaziamento do Ser. A ideia de *kénosis*, que em seu contexto cristão refere-se ao esvaziamento de Deus na encarnação, ganha uma nova luz no pensamento de Vattimo, pois se conecta com a crítica à metafísica e à modernidade. A *kénosis* é, para Vattimo, uma metáfora para a maneira como a filosofia moderna e a secularização desconstróem as noções rígidas de Ser e verdade, e ao mesmo tempo abrem caminho para uma nova compreensão da existência, mais aberta e plural (Vattimo, 2018a).

A relação entre Nietzsche, Heidegger e Vattimo, portanto, oferece uma crítica profunda à metafísica ocidental, à modernidade e às suas bases epistemológicas, destacando o papel central da hermenêutica no pensamento contemporâneo. Ao buscar a dissolução das estruturas de poder e verdade absolutas, Vattimo abre um caminho para uma filosofia pós-metafísica que não só reflete sobre a realidade, mas também participa ativamente da construção de um novo modo de ser e de entender o mundo. O conceito de *kénosis*, dentro dessa leitura, emerge não apenas como um aspecto teológico, mas como uma chave hermenêutica para compreender a transição da modernidade para a pós-modernidade, onde a verdade se torna interpretativa e a subjetividade se dissolve nas múltiplas possibilidades de ser (Vattimo, 2018b).

A crítica feminista ao patriarcado e sua relação com a filosofia de Vattimo

A crítica feminista ao patriarcado é uma das forças motrizes para a desconstrução das estruturas de poder que marginalizam o feminino, tanto no espaço social quanto no campo teológico e filosófico. O patriarcado, enquanto sistema de dominação e subordinação das mulheres, se reflete em diversos aspectos da sociedade, inclusive na maneira como a religião e a filosofia moldam as normas de gênero. A filosofia de Vattimo, com sua ênfase na secularização, na dissolução das certezas metafísicas e na interpretação hermenêutica, oferece uma base sólida para uma crítica ao patriarcado. Sua noção de "verdade como interpretação" desafia as verdades absolutas impostas pela tradição patriarcal, que muitas vezes se solidifica em dogmas religiosos e filosóficos que marginalizam as mulheres (Vattimo, 2001). Em sua leitura de Nietzsche e Heidegger, Vattimo propõe um pensamento pós-metafísico, fluido e plural, que se alinha com as exigências do feminismo contemporâneo por uma compreensão mais dinâmica e inclusiva da identidade e do papel da mulher inspirado em Nietzsche (2006) e Heidegger (2010).

Aqui cabe relacionar o pensamento filosófico de Vattimo com a teóloga Ivone Gebara, que também defende a concepção de multiplicidade e fluidez como marcas do nosso tempo. Para Gebara (2017, p. 61), "o feminismo liberou em muitas mulheres a busca por um sentido de reivindicação da justiça dentro da mobilidade da vida." Essa perspectiva dialoga diretamente com a noção vattimiana de pensamento fraco, que critica a metafísica abstrata ao enfatizar que não existem verdades absolutas ou universais, mas sim interpretações pluralizadas que emergem da interação entre sujeitos, contextos e tradições. Assim, a multiplicidade proposta por Gebara não se limita a uma dimensão social ou política, mas se estende à experiência ontológica e ética, permitindo compreender a vida e a espiritualidade como processos dinâmicos e inter-relacionais. Nesse sentido, integrar a reflexão de Gebara ao pensamento de Vattimo fortalece a construção de uma hermenêutica do feminino, capaz de valorizar a diversidade de experiências, reconhecer a fluidez das identidades e afirmar a potência transformadora das práticas teológicas quando compreendidas sob o prisma da multiplicidade, da liberdade interpretativa e da justiça relacional.

A secularização e a superação da metafísica, conforme Vattimo, oferecem um espaço para uma hermenêutica que desestabilize as narrativas patriarcais, permitindo que o feminino seja ressignificado. A *kénosis*,

tradicionalmente associada ao esvaziamento ou subordinação, pode ser reinterpretada como uma prática de liberdade e autenticidade feminina, desvinculando-a de um sentido de aniquilação social. Nesse contexto, a *kénosis*, em vez de submeter, poderia ser vista como um processo de afirmação da identidade feminina, capaz de promover uma redefinição das relações de gênero dentro da teologia e na sociedade contemporânea.

Segundo Vattimo (1987), o conceito de "Verwindung" em Heidegger refere-se à superação ou transcendência da metafísica sem que esta seja simplesmente negada. Ele propõe uma mudança fundamental na forma como entendemos o "ser", um deslocamento de paradigma que reconhece a historicidade e a contingência do ser. Isso envolve a superação de noções metafísicas clássicas, como a divisão entre sujeito e objeto, essência e existência, abrindo caminho para uma compreensão mais genuína do ser. Em contraste com "Überwindung" (superar), a Verwindung não implica uma sublimação dialética (Aufhebung) nem um "deixar para trás" do passado metafísico; trata-se de uma forma de abordar a metafísica que reconhece sua persistência, ao mesmo tempo que busca ir além dela.

Um termo introduzido por Heidegger em filosofia, o termo *Verwindung*. *Verwindung* é a palavra que Heidegger usa, aliás raramente, (numa página de *Holzwege*, num texto de *Vorträge und Aufsätze* e sobretudo no primeiro dos dois textos de *Identität und Differenz*) para indicar algo análogo à *Ueberwindung*, a separação ou ultrapassagem, mas que se distingue dela porque não tem nada de *Aufhebung dialéctica*, nem do <<deitar para trás das costas>> que caracteriza a relação com um passado que já não tem nada a dizer-nos. Ora, é justamente a diferença entre *Verwindung* e *Ueberwindung* que pode ajudar a definir o <<pós>> de pós-moderno em termos filosóficos. (Vattimo, 1987, p. 131)

Ao integrar a crítica feminista à filosofia de Vattimo, uma *koiné* relacional se torna possível, pois Vattimo reconhece a importância da desconstrução das estruturas rígidas e autoritárias que limitam a subjetividade humana, inclusive a feminina. A ideia de que não há uma verdade única, mas uma multiplicidade de interpretações, pode ser aplicada ao feminismo como uma maneira de expandir as perspectivas sobre a mulher e sua vivência, reconhecendo a diversidade de experiências e identidades que compõem o feminino. Essa abordagem filosófica favorece uma reflexão profunda sobre as formas como a opressão patriarcal é naturalizada, não apenas na religião, mas também na filosofia, e oferece as ferramentas necessárias para questionar e reinterpretar essas construções, dentro da *Verwindung*.

Aqui podemos pensar como a imagem feminina do Espírito persiste na tradição cristã, seja na mística, seja na iconografia, refletindo tentativas históricas de articular uma divindade que incorpore dimensões femininas e andróginas. Sob a perspectiva da crítica feminista, tal representatividade confronta o patriarcado teológico, ao mesmo tempo em que revela os limites de sua apropriação dentro de estruturas hierárquicas ainda marcadas pelo androcentrismo. A noção heideggeriana de Verwindung, entendida como "desvio crítico" ou superação de determinismos históricos, permite interpretar esses vestígios simbólicos como possibilidades de desconstrução das normas patriarcais, abrindo espaço para novas leituras da divindade que não subordinem o feminino ao masculino. Nesse sentido, a hermenêutica atua como instrumento crítico, ao revelar as tensões entre tradição e inovação, expondo a necessidade de superar representações dicotômicas de gênero e problematizando a construção simbólica da soberania divina, permitindo que a interpretação teológica se torne um meio de questionamento das estruturas sociais e culturais que historicamente naturalizaram o patriarcado, como relata Rosemary Ruether

A imagem feminina do Espírito continua a permear a teologia cristã, especialmente entre escritores místicos, e também aparece na iconografia cristã. Em um afresco do século XIV, próximo a Munique, a Trindade é retratada como três figuras emergindo de um tronco comum, com um Espírito feminino entre o Pai mais velho e o Cristo mais jovem. Pensadores místicos da

Reforma retomam temas do aspecto feminino de Deus, possivelmente influenciados pela Cabala judaica. Uma linha de místicos, de Jakob Böhme no século XVII até o século XIX, especula sobre a natureza andrógina de Deus. No século XVIII, os Shakers detalham esse conceito em novas escrituras e uma visão messiânica que inclui uma Messias feminina representando a Sabedoria ou o aspecto Materno de Deus. Essas tradições da androginia de Deus e do aspecto feminino da Trindade, contudo, não resolvem completamente o problema da imagem exclusivamente masculina de Deus. Algumas feministas cristãs veem que Deus possui características maternas ou femininas, bem como masculinas, identificando particularmente o aspecto feminino com o Espírito Santo. No entanto, aceitar a Trindade como composta por duas personas masculinas e uma feminina pode simplesmente reproduzir a perspectiva androcentrista, colocando o lado feminino como subordinado. A apropriação feminista do lado feminino de Deus dentro dessa hierarquia patriarcal reforçaria estereótipos de gênero. É necessário ir além da ideia de um "lado feminino" de Deus, seja ele identificado com o Espírito ou com Sophia-Espírito, questionando a premissa de que o símbolo mais elevado da soberania divina permanece exclusivamente masculino. (Ruether, 1983, pp. 59-60)

A persistência da imagem feminina do Espírito na teologia cristã, seja na mística, seja na iconografia, evidencia tentativas históricas de articular uma divindade que incorpore dimensões femininas e andróginas. No entanto, como o trecho aponta, a simples inclusão de um Espírito feminino na Trindade ou a identificação do feminino com Sophia não rompe integralmente com a lógica patriarcal, podendo até reforçar a subordinação simbólica do feminino frente ao masculino. Sob a perspectiva feminista, torna-se necessário ir além da dicotomia masculino-feminino e questionar a premissa de que a soberania divina permaneça exclusivamente masculina. A hermenêutica, aqui, funciona como instrumento crítico capaz de revelar essas tensões simbólicas, permitindo reinterpretar tradições e textos sagrados de maneira que o feminino não seja apenas um complemento subordinado, mas uma dimensão intrínseca e emancipatória da divindade, promovendo uma reconfiguração da linguagem teológica e da autoridade simbólica.

A aplicação do conceito de kénosis no feminismo e a abordagem das teólogas feministas em relação à tecnologia e à mortalidade

A *kénosis*, termo grego que significa "esvaziamento", tem uma profunda conexão com a teologia cristã, particularmente no que se refere ao esvaziamento de Deus na encarnação de Cristo. No entanto, a aplicação desse conceito ao feminismo oferece uma nova interpretação do esvaziamento como um processo de libertação e transformação das estruturas que oprimem as mulheres. O conceito de *kénosis*, tal como apresentado por Vattimo e aqui, na defesa de aproximá-lo às teólogas feministas: Marta Frascati-Lochhead, Elizabeth Johnson e Rosemary Radford Ruether, sugere que o esvaziamento não é apenas um movimento de perda ou destruição, mas sim de transformação, que desafia as verdades absolutas e dá espaço para novas formas de ser. Ao aplicar a *kénosis* ao feminismo, podemos ver o movimento das mulheres não como um processo de simples negação da ordem patriarcal, mas como um processo de "esvaziamento" das estruturas de opressão, criando espaços de liberdade e autenticidade (Vattimo, 2000; Johnson, 2007).

Em suas obras, Vattimo explora a secularização e a dissolução das certezas metafísicas como um movimento de esvaziamento das verdades absolutas, e esse movimento pode ser relacionado ao feminismo na medida em que desafia a construção rígida do feminino que é muitas vezes definida pela sociedade patriarcal. O feminismo, ao promover o esvaziamento das normas de gênero e das expectativas sociais, segue uma linha de pensamento que se alinha à *kénosis*, no sentido de que ele busca criar novos espaços de subjetividade e de identidade para as mulheres, longe dos moldes pré-determinados e das expectativas rigidamente impostas.

As teólogas feministas têm um papel crucial na discussão das implicações da tecnologia e da mortalidade no contexto do feminismo contemporâneo. A tecnologia, como uma força que molda tanto as relações sociais quanto as identidades individuais, oferece novas possibilidades, mas também levanta questões sobre a construção do feminino e a autonomia das mulheres. Teólogas feministas que incorporam a *kénosis* em seus pensamentos, como Rosemary Radford Ruether e Elizabeth Johnson, exploram como a tecnologia pode tanto reforçar quanto desafiar as estruturas patriarcais. Elas investigam, por exemplo, como a biotecnologia e os avanços médicos afetam a experiência feminina da mortalidade, questionando como o corpo das mulheres é tratado e representado dentro dessas tecnologias (Ruether, 1983; Johnson, 2007).

A relação entre tecnologia e mortalidade, em particular, se conecta com a teologia feminista ao considerar como as mulheres lidam com questões existenciais, como a morte, a vida e o sofrimento, muitas vezes de maneira diferente dos homens, devido às construções sociais e culturais que as posicionam de forma desigual na sociedade. A *kénosis*, nesse contexto, oferece uma metáfora poderosa para entender como as mulheres podem resistir às imposições sociais, esvaziando as expectativas rígidas e transformando a própria experiência de ser mulher, tanto na vida quanto na morte. A proposta feminista é, então, de uma espiritualidade e uma ética de resistência que busquem esvaziar as construções que limitam o potencial feminino, ao mesmo tempo em que abrem espaço para novas formas de ser e de experimentar a existência.

Conclusões

A análise das teólogas feministas e sua relação com a filosofia de Vattimo revela uma interseção profunda entre a crítica feminista ao patriarcado e a hermenêutica de Vattimo, especialmente no que tange ao conceito de *kénosis*. Ao explorar a noção de autoesvaziamento, a *kénosis* se apresenta como um movimento essencial para o feminismo contemporâneo, pois desafia as estruturas hierárquicas dominantes, permitindo que as vozes femininas, muitas vezes silenciadas, possam emergir e serem ouvidas.

É possível reinterpretar o sacrifício cristão a partir de uma perspectiva de *kénosis* ligada à experiência das mulheres. Historicamente, ele foi visto por muitas como apagamento social, pela exclusão de espaços públicos, e pessoal, pelo confinamento doméstico que limitou seus desejos e possibilidades.

A *kénosis* pressupõe liberdade pessoal e autenticidade, fortalecendo a dignidade e valorizando o amor vivido de forma plena. Aplicada à vida social, exige o desapego das construções culturais patriarcais e a criação de novos modos de existir, capazes de promover realização pessoal e comunitária para todos.

Vattimo, ao integrar a ideia de niilismo com *kénosis*, propõe uma interpretação que não só reflete a dissolução das certezas metafísicas, mas também revela uma abertura para a pluralidade. Esse entendimento nos leva a refletir sobre o feminismo como um projeto emancipatório que, ao mesmo tempo, deve lidar com as questões de poder, identidade e tecnologia, reconhecendo suas próprias limitações históricas e a fragilidade das construções metafísicas que o sustentam.

A *kénosis* de Jesus não pode ser compreendida como mera submissão dentro da esteira hermenêutica Vattimiana, pois consiste em um esvaziamento voluntário do poder, inserido em um projeto redentor que revela humildade ativa e capacidade transformadora, e não passividade ou coerção. Tradicionalmente, o esvaziamento de Maria tem sido interpretado como submissão feminina, porque a teologia histórica associa o divino ao masculino e reduz o feminino a papéis de obediência ou dependência. No entanto, a hermenêutica crítica permite reconhecer que essa leitura é culturalmente construída, e não intrínseca à experiência de Maria. Sob a perspectiva do pensamento fraco de Vattimo, a fragilidade do ser e a dissolução de hierarquias oferecem uma chave interpretativa para perceber que tanto Jesus quanto Maria participam da *kénosis*, exercendo poder justamente através do

esvaziamento. O “sim” de Maria ao plano divino, longe de ser submisso, constitui um ato de liberdade ética e existencial, capaz de gerar uma nova realidade. A diferença na interpretação entre a *kénosis* do Filho e a de Maria decorre, portanto, de preconceitos históricos de gênero, da bioética institucional e da associação cultural do masculino com o divino. Assim, a hermenêutica pós-moderna e a abordagem de Vattimo possibilitam reler a *kénosis* como um ato transformador e emancipatório, aplicável igualmente ao feminino e ao masculino, sem reduzir o “sim” da mulher a uma forma de submissão, reconhecendo nele a potência ética e existencial que caracteriza a ação divina e humana em sintonia com o plano redentor.

A reflexão aqui proposta evidencia uma assimetria significativa na leitura teológica da *kénosis*: enquanto Jesus, ao se esvaziar, é interpretado como alguém que se faz fraco para desestabilizar os poderosos e subverter hierarquias, Maria, embora participe de um ato igualmente radical de entrega, não recebe uma leitura equivalente de poder ou subversão. A Mãe de Deus, mesmo em seu gesto de “sim” ao projeto divino, historicamente foi interpretada sob a lente patriarcal, em que a fragilidade feminina é associada à submissão e ao aniquilamento, e não à transformação ou à ação ética e política. Essa discrepância revela como o imaginário teológico construído em torno do masculino como divino limita a projeção de poder na experiência feminina, reduzindo o potencial emancipatório de figuras femininas centrais na narrativa cristã. Nesse sentido, a hermenêutica contemporânea, especialmente a influenciada pelo pensamento fraco de Vattimo, permite reescrever essas leituras: a fragilidade de Maria pode ser reinterpretada como um ato de liberdade, intercessão e força ética, equiparando seu “esvaziamento” à *kénosis* do Filho, mas sem depender da validação masculina ou da associação ao poder tradicional. Tal abordagem não apenas ressignifica Maria, mas evidencia a necessidade de revisitar criticamente as interpretações patriarcais que marginalizam o feminino dentro da tradição teológica, oferecendo espaço para uma leitura que valorize sua potência transformadora e simbólica.

A crítica ao essencialismo, como apontado por feministas, também deve ser encarada à luz de um possível niilismo, que, em vez de ser uma ameaça ao feminismo, pode ser encarado como uma oportunidade de renovação, onde a destruição das velhas estruturas permite a emergência de novas formas de pensar e agir. No entanto, essa transição exige uma constante vigilância, já que a tentação de reconstruir fundamentos metafísicos, como se vê em alguns movimentos feministas, pode ser uma forma de retroceder nas conquistas alcançadas.

A obra de Rosemary Ruether exemplifica, contudo, muitas dessas teólogas não abordam de forma explícita a questão da tecnologia, algo que, segundo Vattimo, não pode ser ignorado, dado o impacto profundo da tecnologia na cultura global e nas dinâmicas de poder contemporâneas.

A questão da mortalidade também aparece de maneira diferenciada nas obras analisadas. Enquanto Vattimo tenta evitar a vulnerabilidade das mulheres, almejando garantir um futuro metafísico Ruether aborda a mortalidade de maneira mais radical, reconhecendo as limitações das construções metafísicas e propõe um feminismo que abraça sua própria parcialidade.

A interpretação de Vattimo sobre a emancipação no final da modernidade sugere que o feminismo, assim como outros movimentos contemporâneos, deve lidar com a dissolução do pensamento metafísico de maneira ambígua, aceitando suas limitações históricas e, ao mesmo tempo, resistindo à tentação de reverter essa dissolução em busca de uma estabilidade metafísica. Nesse sentido, a *kénosis* se torna não apenas uma prática de autoesvaziamento, mas também um movimento de intercessão, onde diferentes perspectivas femininas podem se unir para promover a emancipação e a justiça social.

Por fim, integrar a hermenêutica de Vattimo à teologia feminista oferece uma maneira de repensar as relações de poder, destacando a historicidade e a fragilidade das identidades femininas. A *kénosis*, portanto, não se trata apenas de uma rejeição das estruturas de dominação, mas de um convite à escuta e ao diálogo entre diferentes perspectivas, em um esforço conjunto para construir um mundo mais inclusivo e justo. Em última análise, essa

abordagem nos permite vislumbrar um futuro onde a pluralidade e a equidade não são apenas aspiradas, mas efetivamente realizadas nas esferas social, política e religiosa.

O artigo explicita que o caminho para um feminismo pós-metafísico está aberto no interior do contexto do enfraquecimento do ser, conforme proposto por Vattimo. Trata-se do horizonte no qual as realidades, antes sustentadas por pretensões universais e absolutas, se dissolvem em fábula, abrindo espaço para interpretações plurais, contingentes e historicamente situadas. Nesse sentido, o feminismo pós-metafísico não se ancora em fundamentos rígidos, mas se afirma na mobilidade e na fluidez dos sentidos, constituindo-se como prática crítica capaz de questionar hierarquias e oferecer novas possibilidades de compreensão do feminino na pós-modernidade e que abre interstícios cruciais para analisar a relação entre a teologia feminista e a filosofia de Vattimo, com foco na aplicação do conceito de *kénosis* e sua relevância para a crítica das estruturas patriarcais pós-modernas. Para tanto, buscamos explorar como as teólogas feministas, através de suas obras, podem se alinhar com a hermenêutica vattimiana, especialmente no que diz respeito ao niilismo, à tecnologia e à mortalidade, temas fundamentais para a emancipação das mulheres na pós-modernidade. Nesse contexto, a crítica às estruturas patriarcais e a integração de novas formas de pensamento, como as que propõem Vattimo e as teólogas feministas, oferecem uma base sólida para a criação de um feminismo mais dinâmico, que se adapta às mudanças sociais e culturais, ao mesmo tempo em que desafia as velhas narrativas de opressão e subordinação.

Essa abordagem teórica contribui para o feminismo contemporâneo ao propor novas maneiras de pensar a autonomia, a identidade e a experiência feminina, ao mesmo tempo em que mantém um compromisso com a justiça social, a igualdade e a dignidade humana. O feminismo, então, não é mais visto como uma luta contra uma única estrutura de poder, mas como uma luta pela transformação contínua de todas as formas de opressão, levando em consideração a multiplicidade de experiências e perspectivas que compõem a complexa realidade das mulheres no mundo moderno.

A análise das obras de teólogas feministas, como Rosemary Ruether e, revelam a diversidade de respostas do feminismo à dissolução das estruturas metafísicas, sendo que a aplicação da noção de *kénosis* se mostrou central para a reflexão crítica sobre as relações de poder e identidade. Vattimo, ao enfatizar a importância do niilismo como "única oportunidade", ajudou a destacar como o feminismo pode se beneficiar de uma postura de desfundamentação, que não apenas enfraquece as estruturas patriarcais, mas também promove uma abertura para a pluralidade de perspectivas e ações femininas.

A questão da tecnologia, que foi abordada por algumas das teólogas analisadas, mas não de forma sistemática, merece maior atenção em estudos futuros. Vattimo nos mostra que a tecnologia é uma força de desfundamentação que pode ser usada para desmascarar as visões de mundo dominantes. Embora o feminismo tenha se beneficiado da tecnologia de comunicação, como demonstrado na emergência da consciência feminista global, a reflexão crítica sobre o impacto da tecnologia em nossas identidades e relações sociais é um campo ainda pouco explorado pelas teólogas feministas e poderia ser um foco importante para futuras investigações.

Além disso, a abordagem da mortalidade nas obras analisadas revela a necessidade de um feminismo que reconheça suas limitações e fragilidade, sem recorrer à ilusão de uma permanência metafísica. Embora algumas teologias busquem garantir a sobrevivência de uma identidade feminina metafísica, outras, como Rosemary Ruether, mostram uma disposição para aceitar a finitude e a parcialidade do pensamento feminista. Esse reconhecimento pode ser um ponto central para a construção de um feminismo mais radical e realista. O "esvaziamento" — sugere uma abertura ao Outro, uma disposição à vulnerabilidade e à renúncia ao poder dominante. Esse esvaziamento ecoa o "pensamento fraco" de Vattimo, que propõe o abrandamento de estruturas rígidas e absolutas, inclusive dentro do discurso religioso. A *koiné* (como linguagem e comunhão) de Vattimo pode, então, ser compreendida como um

movimento hermenêutico inclusivo, no qual as vozes antes marginalizadas, como as experiências e perspectivas femininas, têm espaço para ressignificar o sagrado, o ético e o espiritual.

Ao dialogar com as teologias feministas, Vattimo revela a possibilidade de uma espiritualidade pós-metafísica que rompe com padrões de gênero opressivos, explorando uma ética da alteridade e da diferença. Essa integração entre *kénosis* e *koiné* pode propor um caminho hermenêutico em que as narrativas femininas não só enriquecem a compreensão religiosa, mas também desafiam e transformam as tradições. Em última instância, a *koiné* vattimiana em diálogo com a *kénosis* de gênero lança luz sobre uma teologia que se fundamenta em relações de igualdade, comunhão e empatia — promovendo um espaço em que o feminino se reconcilia com o divino por meio de uma linguagem que privilegia a pluralidade e a diferença.

Pauta-se uma ética relacional, de contingência, de superação contínua e rememorada, onde o *ser* não é mais objetivamente dado e não mais fundamentado em um “Deus absoluto metafísico”.

Por fim, ainda ficam lacunas para investigações e compreensões futuras para estudos que se aprofundem na integração da filosofia Vattimiana com outras correntes filosóficas contemporâneas, especialmente aquelas que discutem a tecnologia, a identidade e a política. Além disso, seria interessante investigar como a teologia feminista pode se relacionar com o pensamento pós-estruturalista e o movimento ecoteológico, de forma a criar novas formas de pensar a emancipação feminina, mais alinhadas com os desafios contemporâneos e pós-modernos. A relação entre feminismo, teologia e filosofia continua sendo um campo fértil para o desenvolvimento de uma crítica radical e transformadora, capaz de enfrentar as dinâmicas de poder que ainda perpassam as esferas sociais e religiosas, elucidando que as teologias da *kénosis* estão revelando que a imanência é tão potencializadora quanto as perspectivas de transcendência que caem nas tentações metafísicas e de universalidade absoluta.

Referências Bibliográficas

FRASCATI-LOCHHEAD, M. *Kenosis and Feminist Theology: The Challenge of Gianni Vattimo*. Albany: State University of New York Press, 1998.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

GEBARA, Ivone. *Filosofia feminista: uma brevíssima introdução*. São Paulo: Edições Terceira Via, 2017.

HEIDEGGER, M. *Being and time*. Translated by J. Stambaugh. Albany: State University of New York Press, 2010.

JOHNSON, E. A. *Quest for the living God: Mapping frontiers in the theology of God*. New York: Continuum, 2007.

NIETZSCHE, F. *A gaia ciência*. Tradução: Antonio Carlos Braga. São Paulo: Lafonte, 2017.

NIETZSCHE, F. *Thus spoke Zarathustra*. Translated by T. K. S. Macmillan. Oxford: Oxford University Press, 2006.

RUETHER, R. R. *Sexism and God-talk: Toward a feminist theology*. Boston: Beacon Press, 1983.

VATTIMO, G. *Adeus à verdade*. Tradução de João Batista Kreuch. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

VATTIMO, G. A Idade da Interpretação. In: ZABALA, Santiago (org.). *O futuro da religião: solidariedade, caridade e ironia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006.

VATTIMO, G. *A religião: o seminário de Capri*. São Paulo, SP: Estação Liberdade, 2000.

VATTIMO, G. *A sociedade transparente*. Tradução de Carlos Aboim de Brito. Capa de Edições 70, 1989.

VATTIMO, G. *A Tentação do Realismo*. Tradução de Reginaldo Di Piero. – Rio de Janeiro: Lacerda Ed.: Instituto Italiano di Cultura, 2001.

VATTIMO, G. *Crer que se crê: é possível ser cristão apesar da igreja?* Tradução de Klaus Bruschke. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018a.

VATTIMO, G. *Não ser Deus: uma autobiografia a quatro mãos*. Tradução de Federico Carotti. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018b.

VATTIMO, G. *O fim da modernidade*. Niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna. Tradução: Editorial presença, Lisboa, 1987.
